

# De compostos nominais produtivos a um sistema incipiente de classificação nominal em Apurinã (Aruák)

*From productive noun compounding to an incipient noun classification system in*

*Apurinã (Arawak)*

Sidi FACUNDES\*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Marília Fernanda Pereira de FREITAS\*<sup>□</sup>

Universidade Federal do Pará (UFPA)

**RESUMO**<sup>1</sup>: A natureza semântica dos sistemas de classificação nominal tem recebido muita atenção na literatura linguística, em termos de sua semântica subjacente, gramática e, em menor extensão, de propriedades discursivo-pragmáticas (ADAMS, 1986; vários artigos em CRAIG, 1986; CORBETT, 1991; AIKHENVALD, 2003; entre muitos outros). Menos atenção, no entanto, tem sido dada a sistemas de classificação também usados com funções mais derivacionais, em que um nome classificatório é frequentemente usado para expandir o vocabulário da língua. A fim de ilustrar a propriedade definidora de tais nomes classificatórios, podemos compará-los com um sistema de classificação típico, tal como os classificadores numerais tailandeses (Sino-Tibetano, Tailândia). Em tailandês, um classificador numeral como *kon*, usado para pessoas, como em *kruūu song kon* (professor dois CLF) ‘dois professores’, é empregado para quantificar referentes humanos no discurso. Em Apurinã (Aruák), um nome classificatório como *tāta* ‘casca (de árvore)’ pode ser produtivamente usado para derivar novos lexemas, tais como *uku-tāta* (uku-casca de árvore) ‘casca de “uku” (espécie de árvore)’; e *uky-tāta* (olho-casca) ‘óculos’. Se descrevermos as propriedades de tais nomes classificatórios como mapeamentos de uma fonte para domínios semânticos alvo, é possível determinar qual informação semântica está sendo perdida ou preservada, já que cada nome classificatório é usado como parte de diferentes formas de palavras. Tendo estabelecido os domínios fonte e alvo, podemos encontrar as propriedades semânticas específicas sendo mapeadas entre os domínios. Os resultados revelam um sistema de propriedades semânticas nucleares subjacentes aos vários mapeamentos, o qual emerge em termos de esquemas comparáveis àqueles usados para motivar metáforas (LAKOFF, 1987; LAKOFF, JOHNSON, 1986; JOHNSON, 1987). Finalmente, tendo encontrado as propriedades semânticas subjacentes ao uso dos nomes classificatórios em Apurinã, podemos compará-los a termos de classe típicos em tailandês e, em seguida, abordar a questão do lugar de tais sistemas classificatórios na tipologia geral de sistemas de classificação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nomes Classificatórios. Classificação Nominal. Apurinã. Aruák.

---

<sup>□</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará e da Faculdade de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, na mesma instituição. E-mail: sfacundes@gmail.com.

<sup>□</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Professora Assistente da Faculdade de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, na mesma instituição. E-mail: mfpf31@yahoo.com.br.

<sup>1</sup>Este artigo retoma e atualiza a análise de um fenômeno inicialmente identificado na dissertação de mestrado de Facundes (1994), discutido no capítulo 4 da tese de doutorado da sua tese de doutorado (2000), e em artigo publicado em inglês, pelo mesmo autor (2009).

**ABSTRACT:** The semantic nature of noun classification systems has received much attention in the linguistic literature in terms of their underlying semantic, grammatical and, to a less extent, discourse-pragmatic properties (ADAMS, 1986; various papers in CRAIG, 1986; CORBETT, 1991; AIKHENVALD, 2003, among many others). Less attention, however, has been given to classifying systems also used with more derivation-like functions, where the classifying noun is often used to expand the vocabulary of the language. To illustrate the defining property of these classifying nouns, we can compare it to a typical classifier system such as the Thai (Sino-Tibetan, Thailand) numeral classifiers. In Thai a numeral classifier such as *kon*, used for people, as in *kruũu song kon* (teacher two CLF) ‘two teachers’, is employed to quantify human referents in discourse. In Apurinã (Arawak, Brazil), a classifying noun such as *tãta* ‘(tree) bark’ can be productively used to derive new lexemes, such as *uku-tãta* (uku tree-bark) ‘bark of “uku” tree’, and *uky-tãta* (eye-bark) ‘eye glasses’. If we describe the properties of such classifying nouns as mappings from source to target semantic domains, it is possible to determine which semantic information is being lost or preserved as each classifying noun is used as part of different word forms. Having established source and target domains, then we can arrive at the specific semantic properties being mapped between domains. The results reveal a system of core semantic properties underlying the various mappings and which emerges in terms of schemas comparable to those used to motivate metaphors (LAKOFF, 1987; LAKOFF and JOHNSON 1986; Johnson, 1987). Finally, having arrived at the semantic properties underlying the use of classifying nouns in Apurinã, we can compare them to typical class terms in Thai, and then address the question of the place of such classifying systems in the general typology of classifier systems.

**KEYWORDS:** Classificatory nouns. Noun Classification. Apurinã. Aruák.

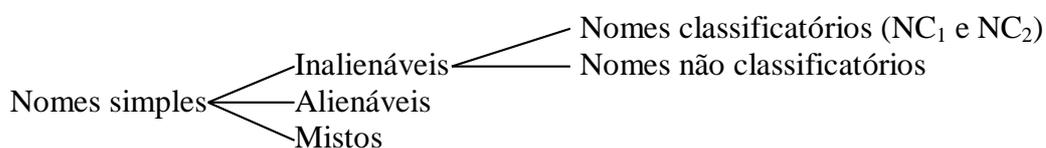
## Introdução

Este artigo apresenta uma análise dos *nomes classificatórios* (noção que explicaremos mais adiante) em Apurinã, partindo do pressuposto de que a natureza semântica de tais nomes pode ser mapeada, por meio de mapeamentos metafóricos, em que as propriedades de um dado domínio fonte são projetadas em determinados domínios alvo. Assim, inicialmente, apresentamos uma caracterização para o que temos chamado de nomes classificatórios; em seguida, discutimos as funções e natureza tipológica dos nomes classificatórios em Apurinã, comparando-os a dados em tailandês; em seção subsequente, apresentamos uma análise voltada para a caracterização da natureza semântica dos nomes classificatórios em Apurinã, propondo um modelo metafórico e definindo as propriedades semânticas salientes de nomes classificatórios na língua; por fim, apresentamos, em quadros, exemplos de nomes classificatórios em Apurinã e um gráfico de suas propriedades semânticas recorrentes.

## 1 Nomes classificatórios como nomes simples inalienáveis

Os nomes em Apurinã são definidos por Facundes (1994, 2000, 2009) com base em critérios gramaticais e formam a classe de palavras cujos membros caracterizam-se

por: i) serem os únicos que podem ocorrer com os sufixos de posse e não posse, funcionando como núcleos em construções dessa natureza; ii) serem lexicalmente ou morfológicamente marcados como femininos ou masculinos, o que não ocorre nas demais classes de palavras<sup>2</sup>; iii) poderem receber marcação morfológica de número. Quanto à classificação, feita com base nos padrões de marcação morfológica dos nomes, o autor distingue nomes *simples* de *compostos*, como um primeiro nível de classificação. No interior de cada uma dessas categorias há subcategorizações. Apresentamos, no esquema abaixo, apenas as subcategorizações inscritas na classe dos nomes simples, uma vez que o foco deste artigo, os *nomes classificatórios*, representa uma das subcategorizações dos nomes simples. Assim, temos:



Os *nomes simples* correspondem àqueles que apresentam uma única raiz nominal, podendo ser *inalienáveis*, *alienáveis* ou *mistos*. A distinção alienável/inalienável/ misto reflete os diferentes padrões de marcação morfológica de nomes em Apurinã: os primeiros são não marcados na forma possuída, um subconjunto destes podendo ser marcado pelo sufixo *-txi*<sup>3</sup> na forma não possuída (por exemplo: *ny-ākypa* ‘meu coração’/ *ākypa-txi* ‘coração de’<sup>4</sup>); os segundos são marcados na forma possuída e não marcados na forma não possuída (*nhi-ximaky-te* ‘meu peixe’/ *ximaky* ‘peixe’); já os últimos são marcados tanto na forma possuída quanto na forma não possuída (*nhi-nhipuku-re* ‘minha comida’/ *nhipuku-ry* ‘comida’). Como já mencionado, sendo o escopo deste trabalho os *nomes classificatórios*, nos preocuparemos apenas em definir aqueles aspectos relevantes para a compreensão desses últimos.

Classificados como nomes *simples* (aqueles constituídos por apenas uma raiz nominal) e *inalienáveis* (não marcados na forma possuída), os nomes classificatórios (doravante NCs) têm, segundo Facundes (1994, 2000, 2009), a posse como parte

<sup>2</sup>A única outra palavra que apresenta gênero inerente na língua corresponde à forma pronominal de 3ª pessoa.

<sup>3</sup>A transcrição dos dados de Apurinã faz uso da ortografia atual da língua, a qual faz uso de grafemas do português exceto pelo seguinte: y=vogal alta central não arredondada, “til” indica a nasalidade da vogal; i= vogal alta anterior não arredondada (como em português) antes e depois de consoantes, mas corresponde à aproximante palatal nos demais ambientes; x=fricativa alveopalatal; h=fricativa glotal; tx=africada alveopalatal; th=oclusiva palatal; ts=africada alveolar.

<sup>4</sup>Aqui, o termo *ākypa* ‘coração de’, inclui em sua glosa o “de”, pelo fato de ser analisado, por Facundes (2000), como obrigatoriamente possuído, em que a posse faria parte da entrada lexical de tal nome, assim como de todos os nomes inalienáveis.

integrante de sua entrada lexical, assim como os demais inalienáveis; em outros termos, todas as raízes nominais inalienáveis são obrigatoriamente possuídas, isto é, prespõem a posse como parte de seu significado lexical (por isso, sempre glosadas como o exemplo dado mais acima, *ākypa-txi* ‘coração de’, com a preposição). O autor, no entanto, propõe uma marca de posse -∅ para os inalienáveis, o que parece não “combinar” com o fato de a posse fazer parte da entrada lexical desses nomes, uma vez que tal fato pressupõe a não necessidade de marcação morfológica para a posse, visto que esta se manifestaria lexicalmente. Atualmente, Freitas (*em preparação*), propõe a não existência desse morfema zero para a marcação da posse inalienável dos nomes em Apurinã.

No que se refere à subcategorização dentro dos nomes inalienáveis, o que diferencia, entre outros aspectos, os NCs dos *nomes não classificatórios* é o fato de os primeiros serem fonologicamente formas presas, podendo possuir a propriedade de ocorrer recorrentemente<sup>5</sup> como parte de nomes compostos, tendo uma função classificatória, o que não ocorre com os nomes não classificatórios. Nos exemplos abaixo, em (1a), vemos como *-tsuta* pode participar na formação de um composto nominal. Em (1b), temos outro exemplo, com a forma *-tāta*:

1a. *ā̃myna-tsuta*  
    árvore-tronco.de  
    ‘tronco de árvore’

b. *ā̃amyna-tāta*  
    árvore-casca.de  
    ‘casca de árvore’

Vejamos mais detalhadamente as propriedades que diferenciam os NCs dos demais inalienáveis. Em primeiro lugar, NCs são nomes fonologicamente presos, pois ocorrem quer como parte de uma palavra composta base (como em *uku-tsuta* ‘tronco de “uku” (espécie de árvore)’), quer com um marcador pronominal ligado a eles, como em:

2. *y-tsuta*  
    3SG.M-tronco.de  
    ‘tronco dele’

---

<sup>5</sup>Abreviações: AUX = auxiliar; CAUS = causativo; M = masculino; NC = nome classificatório; OBJ = objeto; PL = plural; RzN = raiz nominal; SG = singular; TERM.CLASS = termo de classe; VBLZ = verbalizador.

Em segundo lugar, certos NCs podem recorrer como parte de nomes compostos; ou seja, até onde a semântica permitir, determinados nomes classificatórios podem ocorrer repetidamente como parte de vários nomes compostos, como ilustrado em (3). Os nomes compostos formados com nomes não classificatórios mais um (ou mais) nome(s) classificatório(s) são aqui chamados *nomes compostos produtivos* (exemplos de FACUNDES, 2000, p.163).

- |  |           |                       |
|--|-----------|-----------------------|
| 3a. <i>ãã-myna-tsuta</i><br>planta-tronco.de-tronco.de | RzN+NC+NC | ‘tronco de árvore’    |
| b. <i>mãku-tsuta</i><br>manga-tronco.de                | RzN +NC   | ‘tronco de mangueira’ |
| c. <i>uku-tsuta</i><br>uku-tronco.de                   | RzN+NC    | ‘tronco de “uku”’     |

Os tipos de compostos que apresentam NCs acima lembram alguns nomes compostos em português, tais como *pé de banana*, *pé de manga*, *pé de jaca* etc., em que *pé* também é recorrente como parte de compostos. Diferente do português, no entanto, palavras usadas com um sentido genérico como parte de um composto, em Apurinã, são formativos presos. Mesmo se falantes aceitassem um neologismo tal como *kema-kywy* ‘cabeça de anta’ (digamos, como um tipo de cabeça diferente daquela de outros animais), ainda assim o nome inalienável não classificatório *kywy* ‘cabeça de’ não teria a propriedade de recorrer como parte de nomes compostos. Em outros termos, o nome não classificatório *kywy* não poderia ser sistematicamente usado como parte dos nomes compostos em (3) (FACUNDES, 2000, p.164):

- |  |         |                    |
|--|---------|--------------------|
| 4a. <i>*kyky-kywy</i><br>homem-cabeça.de | RzN+RzN | (cabeça de homem)  |
| b. <i>*syty-kywy</i><br>mulher-cabeça.de | RzN+RzN | (cabeça de mulher) |
| c. <i>*hãkiti-kywy</i><br>onça-cabeça.de | RzN+RzN | (cabeça de onça)   |

Nomes não classificatórios como *kywy* são usados sistematicamente em construções sintáticas possessivas, mas não em nomes compostos, como mostrado em

(5). A principal diferença entre nomes compostos e sintagmas nominais ramificados é que o primeiro carrega apenas um acento primário – omitido na transcrição utilizada aqui – enquanto que o segundo carrega tantos acentos primários quantas forem as palavras fonologicamente independentes presentes na construção sintagmática (op. cit, p.164).

- 5a. *kyky*      *kywy*      ‘uma cabeça de homem’  
homem   cabeça.de
- b. *sytu*      *kywy*      ‘uma cabeça de mulher’  
mulher   cabeça.de
- c. *hãkiti*   *kywy*      ‘uma cabeça de onça’  
onça   cabeça.de

Como formativos presos, NCs parecem aproximar-se da forma *-berry* em inglês (como em *cranberry*, *strawberry*, *blackberry*, etc.). No entanto, as similaridades param por aí. A terceira propriedade especial de NCs (mais precisamente, um subconjunto desses nomes) é que estes podem ser incorporados ao verbo para se referir a propriedades semânticas de uma forma nominal previamente referida no discurso. Assim, em (6a) o nome classificatório *-pe* ‘massa de’ é incorporado à base verbal *ysunākataka* ‘secar-VBLZ-INTENS’ para se referir a uma propriedade de consistência de *kumyry* ‘mandioca’, que precede o verbo na mesma sentença. Em (6b) o nome classificatório *xiti* ‘terra de’ é incorporado à base verbal *iutikata* ‘queimar-VBLZ’ para se referir à propriedades da forma nominal *kikiu* ‘roçado’, a qual havia sido previamente mencionada no texto, conforme exemplos (op. cit., p. 165):

- 6a. *atha* *kumyry*    *ysunāka-pe-ta-ka*  
1PL   mandioca   secar-massa.de-VBLZ-CAUS  
‘Nós colocamos a massa de mandioca pra secar.’

b. Contexto precedente: ‘Primeiro, nós preparamos o roçado cortando as árvores...depois...’

- atha* *iutika-xiti-ta*      *txa-ru*  
1PL   queimar-terra.de-VBLZ    AUX-3M.OBJ  
‘...nós queimamos (o roçado).’

Por fim, há uma quarta e decisiva característica que distingue NCs de nomes não classificatórios, ligada a propriedades que motivam subcategorizações no interior dos NCs: há um subconjunto de NCs que apenas pode ser usado com seu *sentido literal* (domínio fonte); enquanto que um outro subconjunto pode também ter seu significado *estendido metaforicamente* (domínio alvo), ou seja, para além de seu sentido literal. Assim, NCs podem ser produtivamente usados para se referir a seu significado fonte (literal) ou significados alvo<sup>6</sup>, que consistem em extensões do significado fonte. Essa distinção, portanto, motiva a existência de dois subconjuntos de NCs: NC<sub>1</sub> (usado apenas em seu sentido fonte, literal) e NC<sub>2</sub> (pode ser usado com sentidos alvo, extensões metafóricas).

Com relação aos primeiros, de acordo com Facundes (2000, p. 167, *tradução nossa*): “NC<sub>1</sub>s sempre têm seu significado fonte preservado quando ocorrem”. Nos exemplos abaixo, o NC<sub>1</sub> *-katy* tem como significado fonte ‘galho fino de’, sendo que este significado fonte se mantém nos diferentes contextos em que tal NC<sub>1</sub> ocorre:

7a. *ymamary-katy*

jenipapo-galho.fino.de

‘galho de jenipapo’

b. *ãa-myna-katy*

planta-tronco.de-galho.fino.de

‘galho de árvore’

c. *kumyry-katy*

mandioca-galho.fino.de

‘galho de mandioca (pé de mandioca, cujo tronco geralmente é fino, como galhos)’

O quadro abaixo mostra os NC<sub>1</sub>s até então atestados:

---

<sup>6</sup> A noção de ‘significado’ relevante para a discussão precedente é a que remete ao ‘significado lexical’ (ao invés do ‘proposicional’ ou ‘pragmático’). “Fonte” e “alvo” aqui correspondem aos termos “source” e “target” usados na literatura sobre metáfora (Lakoff e Johnson, 1986), e que correspondem, respectivamente, ao significado literal de uma forma linguística e ao uso dessa mesma forma linguística para significar algo diferente. Exemplo disso seriam os significados de “pé” em “pé de alguém (parte do corpo)” vs. “pé da montanha” (parte inferior da montanha); parte do corpo seria o significado fonte, e parte inferior da montanha seria o significado alvo de “pé”.

**Quadro 1:** Nomes Classificatórios 1 (NC<sub>1</sub>s)

CN	Glosa	Plantas/ elementos da floresta	Partes do corpo
iri ~ rĩ	‘fruta de; grupo de’	+	-
katy	‘copa de árvore de; galho fino de’	+	-
kutsa	‘raiz de’	+	-
piti	‘pena de; cabelo de’	-	+
pury	‘galho grosso de’	+	-
taku	‘talo fino de’	+	-
tsuta	‘tronco de’	+	-
xiti	‘terra de’	+	-
iũka	‘local de’	-	+

Fonte: Facundes (2000, p.169, *tradução nossa*).

Na medida em que a semântica dos NC<sub>1</sub> se restringe aos subdomínios das partes de plantas/elementos da floresta e das partes do corpo, tais nomes não são tão produtivos quanto se possa imaginar, por isso são considerados *quase-produtivos* e *pseudo-classificatórios* (seu potencial produtivo e classificatório está restrito à sua semântica).

Com relação aos NC<sub>2</sub>, formam o subconjunto de nomes classificatórios que, adicionalmente a seu domínio fonte, incluem domínios alvo (extensões metafóricas do domínio fonte). Os domínios fonte para os NC<sub>2</sub> são os mesmos dos NC<sub>1</sub>, e seus domínios alvo são partes do corpo e elementos manufaturados. De modo mais simples, NC<sub>2</sub> são aqueles que sofreram “desbotamento” semântico e que, como consequência, podem se referir a propriedades semânticas mais gerais de um amplo inventário de nomes, portanto, ocorrendo mais produtivamente e com o poder funcional de classificadores nominais. Como os NC<sub>2</sub> se tornam semanticamente “desbotados”, já que perde parte da substância semântica original, eles tendem a preservar apenas as propriedades físicas mais salientes/proeminentes do significado fonte (literal) em seus significados alvo.

Em (8a), a forma *-myna* tem como significado fonte ‘tronco de’. Já em (8b-e), *-myna* ocorre com o significado alvo correspondendo a ‘grande, longo, roliço’ ou, em uma só palavra, ‘cilíndrico’ – como o tronco grosso de uma árvore:

- |   |                       |                              |
|---|-----------------------|------------------------------|
| 8a. <i>ãã-myna</i><br>planta-tronco.de              | RzN + NC <sub>2</sub> | ‘tronco de árvore’           |
| b. <i>lātenha-myna</i><br>lanterna-tronco.de        | RzN + NC <sub>2</sub> | ‘tubo da lanterna’           |
| c. <i>pitxi-myna</i><br>pênis-tronco.de             | RzN + NC <sub>2</sub> | ‘(corpo do) pênis (da anta)’ |
| d. <i>kiri-myna</i><br>nariz-tronco.de              | RzN + NC              | ‘nariz de animal; focinho’   |
| e. <i>ãã-myna-katy</i><br>planta-tronco.de-galho.de | RzN + NC + RzN        | ‘galho (grosso) de árvore’   |

Em (8b), *-myna* se refere à forma ‘cilíndrica’ de um tubo de lanterna; em (8c) faz referência à forma ‘cilíndrica’ do órgão genital de uma anta macho (em um contexto específico de uma narrativa Apurinã); (8d) remete a um tipo de forma ‘cilíndrica’ do nariz (focinho) de um animal (por exemplo, de uma anta, um peixe-boi, uma vaca, um cavalo, etc.). O exemplo (8e) mostra que a formação de compostos nominais produtivos com (pelo menos alguns) NCs pode consistir em mais de um nome classificatório dentro do mesmo nome composto, portanto, com alguma recursividade potencial: isto é, enquanto *-myna* ‘tronco de’ é o nome classificatório do composto *ãã-myna* ‘tronco (grosso) de árvore’, *-katy* ‘galho de’ é a raiz nominal de  $[[\text{ãã-myna}]_N \text{katy}]_N$  ‘galho (grosso) de árvore’. Embora a formação de nomes compostos produtivos com NC pareça ser potencialmente recursiva, ela é, de fato, restrita a alguns casos. Foram atestados no máximo três NCs na mesma palavra.

A partir de uma perspectiva diacrônica, NC<sub>2</sub>, estão, portanto, em um ponto mais avançado, em termos de um contínuo de gramaticalização, do que os NC<sub>1</sub>s; ou seja, NC<sub>2</sub> são mais gramaticalizados, preservando apenas as partes percebidas como mais salientes/proeminente do seu significado lexical (fonte), derivando um nome distinto cujo domínio semântico alvo pode se referir a uma das duas possibilidades a seguir: partes do corpo ou elementos manufaturados.

O Quadro 2 resume os casos atestados de NC<sub>2</sub>, na primeira coluna; na segunda coluna, são listadas suas propriedades de significado; na terceira coluna, os sinais +/- indicam se tal nome preserva seu significado fonte, respectivamente, nos domínios partes de plantas/ elementos da floresta, partes do corpo e elementos manufaturados. Como mostra o Quadro 2, há apenas um caso atestado de NC<sub>2</sub> que apresenta uma parte do corpo como significado fonte. Para todos os outros casos, o significado fonte dos NC<sub>2</sub> corresponde a partes de plantas/ elementos da floresta (por questões de espaço, o termo ‘de’ foi removido da glosa no quadro em questão. Deve-se ter em mente, no entanto, que a posse obrigatória faz parte do significado de cada NC<sub>2</sub> listado abaixo:

**Quadro 2:** Conjunto dos NC<sub>2</sub>

NC <sub>2</sub>	Glosa	Elem. da floresta		Partes de corpo		Elem. manufatur.	
		fonte	alvo	fonte	alvo	fonte	alvo
<i>ã</i>	água, suco; lágrima; líquido	+	-	-	+	-	+
<i>ke</i>	vara de madeira; longo, fino	+	-	-	+	-	+
<i>ky</i>	arredondado, pequeno, duro	+	-	-	+	-	+
<i>mata</i>	pele; plano, macio	-	-	+	+	-	+
<i>myna</i>	troco; longo, cilíndrico	+	-	-	+	-	+
<i>pẽ</i>	água, suco; líquido	+	-	-	+	-	+
<i>panhi</i>	pó	+	-	-	-	-	+
<i>pe</i>	polpa; grudento	+	-	-	+	-	+
<i>pytsa</i>	cipó; tripa; longo, flexível	+	-	-	+	-	-
<i>riku</i>	buraco	+	-	-	-	-	+
<i>tãta</i>	casca; concha; plano, grosso	+	-	-	+	-	+
<i>tsa</i>	cipó; longo, flexível	+	-	-	-	-	+
<i>tsupa</i>	folha grande; plano, largo	+	-	-	-	-	+
<i>xike</i>	folha pequena; plano, flexível	+	-	-	+	-	+

Fonte: Facundes (2000, p.175).

Embora NC<sub>2</sub> tenham propriedades semânticas típicas de *classificadores* (como aquelas descritas por DIXON, 1986<sup>7</sup>), os primeiros também têm as propriedades semânticas e sintáticas de *marcadores nominais de classe/gênero* (cf.: tipologia de DIXON, 1986. Essas similaridades e diferenças entre NC<sub>2</sub>s e classificadores, de um lado, e marcadores nominais de classe/gênero, de outro, serão discutidas na próxima seção).

## 2. Nomes classificatórios produtivos (NC<sub>2</sub>), funções e tipologia

Uma vez tenhamos demonstrado a existência de uma subclasse de nomes classificatórios produtivos, ou seja, os NC<sub>2</sub>, podemos examinar com maior profundidade tanto as funções que tais formas exercem na língua, quanto o seu status em relação a outros sistemas de classificação. Como base nas características descritas acima, Facundes (2009) afirma que, aparentemente, podemos comparar NC<sub>2</sub> com o conjunto de palavras que fazem uso do morfema *berry* em inglês. Afirma também que, todavia, essa associação, baseada em algumas similaridades, pode conduzir a equívocos, uma vez que ignora as propriedades de NC<sub>2</sub> que o morfema *berry* não apresenta. Isso ocorreria à medida que *berry* ocorre em inglês como parte de nomes compostos se referindo a frutas de tamanho pequeno (como os exemplos dados anteriormente, além de *mulberry*, *raspberry*, entre outros), assemelha-se, por exemplo, ao NC -ky ‘semente de, cerne de; pequeno e arredondado’ em Apurinã. Porém, *berry* não pode se estender metaforicamente nem pode ser incorporado a verbos em construções anafóricas ou ser usado produtivamente em inglês. Como resultado da extensão metafórica e da produtividade dos NC<sub>2</sub>, é de se esperar que seria apenas uma questão de tempo para que tais formas sejam incorporadas para assumir outras funções na gramática e discurso da língua, diferentemente do que acontece com o *berry* em inglês. De fato isso já acontece. Como observa o autor, no contexto do discurso, já há claras instâncias em que NC<sub>2</sub> são usados em compostos produtivos para desambiguar significados. É o que ocorre quando o nome *kumyry*, em um texto sobre como fazer a farinha de mandioca: *kumyry* pode se referir a ‘mandioca (tubérculo)’, ‘pé (planta) de mandioca’ ou ‘beiju’. Quando o contexto linguístico não permite identificar o significado de *kumyry*, NC<sub>2</sub> são adicionados para desambiguar. Assim, a forma *kumyry-katy* é usada para designar

---

<sup>7</sup>Mas veja-se também Doris Payne (1987), por problemas com a tipologia de Dixon.

‘planta da mandioca’, kumyry-mata para ‘beiju (com forma achatada)’ e kumyry-purũĩ para um tipo de ‘beiju arredondado (como uma bola) de mandioca’.

Ao serem usados, NC<sub>2</sub> tendem a *ressaltar traços semânticos permanentes ou temporários de referentes nominais*, tais como tamanho, dimensão, forma ou consistência. Aqui o autor cita como exemplo o nome próprio *Iuyka*<sup>8</sup>. Durante uma visita ao campo, o autor era frequentemente chamado *Iuyka-ke* por um determinado colaborador Apurinã. Isso causou-lhe estranheza já seu nome (em Apurinã) era *Iuyka*. Ao ser indagado sobre esse fato, um segundo colaborador esclarece que era por conta de o “dono” do nome ser magro e comprido (para os padrões Apurinã, claro), como um *i-ke* (3Sg-vara) ‘vara’. Ou seja, em termos estritamente funcionais, NC<sub>2</sub> funcionam no discurso como *modificadores atributivos*, função típica de adjetivos ou verbos descritivos em diversas línguas.

O exemplo em (9) mostra que, além dos usos descritos acima em compostos nominais produtivos, NC<sub>2</sub> podem ser incorporados ao verbo. Como ocorre com aqueles, nestes também os NC<sub>2</sub> assumem papéis discursivos de desambiguação e ênfase de significados. Nesse exemplo, a palavra para ‘massa de mandioca’ ocorre no composto produtivo *kumyry-pe*, em que *-pe* não apenas qualifica a consistência de ‘massa’ e ‘pastosidade’ da ‘massa de mandioca’, mas também diferencia ‘massa de mandioca’ de ‘mandioca (o tubérculo)’, e de ‘pé (planta) de mandioca’. O mesmo NC<sub>2</sub>, *-pe*, é incorporado ao verbo, contribuindo para a desambiguação ou função atributiva:

9. (*kumyry(-pe)*)                      *atha*    *uka-pe-ta*  
    *mandioca-massa.de*    1PL    *jogar-polpa-VBLZ*  
    ‘Nós jogamos a masa (de mandioca).’

Claramente há uma relação semântica entre o nome *kumyry* ‘mandioca’ e o NC<sub>2</sub> *-pe*, incorporado ao verbo: *-pe* indica que *kumyry-pe* tem a consistência de uma ‘massa’. Quando a palavra *kumyry-pe* ‘massa de mandioca’ é omitida nesse contexto, seu referente é recuperado a partir da menção de uma de suas propriedades mais salientes – sua consistência de ‘massa’. Neste sentido, há uma relação metonímica (parte pelo todo) entre o NC<sub>2</sub> (parte) e outro nome (todo) a ele semanticamente relacionado em um mesmo enunciado linguístico. Dessa forma, esse uso de NC<sub>2</sub> no discurso Apurinã

---

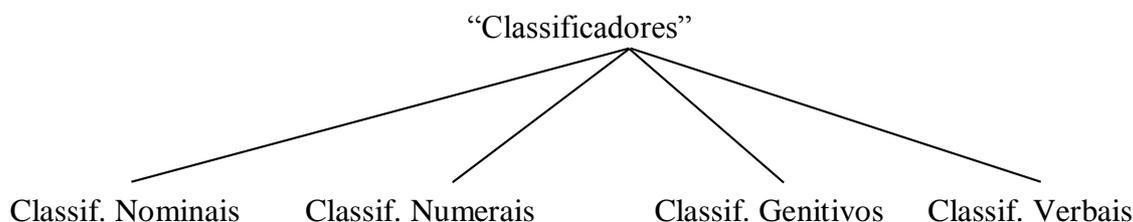
<sup>8</sup> Nome próprio dado pelos Apurinã a um dos autores deste artigo.

apresenta certa semelhança com relações de concordância, por exemplo, envolvendo pessoa, número, gênero etc. Afinal, mesmo em casos de concordância, a relação entre “alvo” e “controlador” (CORBETT, 1991) é também parcial e, de certa forma, metonímica. Por exemplo, em “O carro quebrou”, a concordância marca a pessoa gramatical e o número de “o carro”, mas não o gênero. Com isso, uma vez a palavra *kumyry-pe* tenha sido introduzida no discurso, ela pode ser omitida sem prejuízo da compreensão do texto, dado que seu referente pode ser recuperado pela menção do NC<sub>2</sub>. É essa função de retomada de referentes previamente mencionados no discurso que nos permite entender a razão de NC<sub>2</sub> incorporados ao verbo serem amplamente usados para fazer referência a participantes mencionados repetidamente no mesmo texto.

Finalmente, há também casos em que o uso de um NC<sub>2</sub> incorporado ao verbo afeta mais diretamente o significado do verbo, não do seu argumento. Tais casos são ilustrados pelo autor através do verbo *iataruta* ‘misturar’. Esse verbo pode receber a incorporação, por exemplo, do NC<sub>2</sub> para elementos de consistência líquida, *-ã*, como em *iataru-ã-ta*, significando ‘misturar uma coisa líquida’. Neste caso, a função do NC<sub>2</sub>, ao ser incorporado ao verbo, se aproxima da função descrita por Mithun (1986a, 1986b, 1984) para *classificadores incorporados* (ou *classificadores verbais*).

Elementos classificadores com essas características trouxeram problemas para a distinção absoluta entre classificadores e sistemas de classe/gênero nominal sugerida por Dixon (1986). Isso fez com que motivou as objeções de Payne (1987), que observou que em determinados sistemas de classificação na América do Sul há o compartilhamento de propriedades de ambos os sistemas. Esses sistemas mistos não foram contemplados pelas tipologias mais conhecida de sistemas de classificadores, tais como Grinevald (*apud* FACUNDES, 2000; 2009):

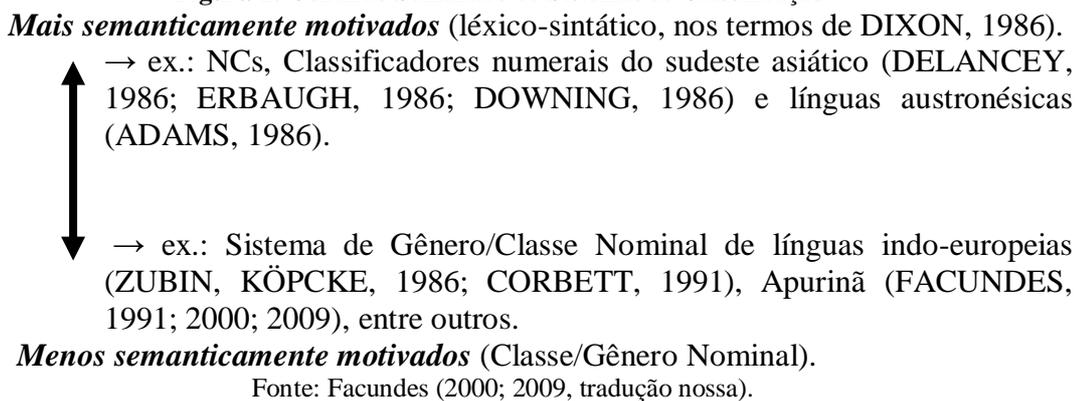
**Figura 1:** Tipologia de Classificadores de Grinevald.



Fonte: Facundes (2000; 2009).

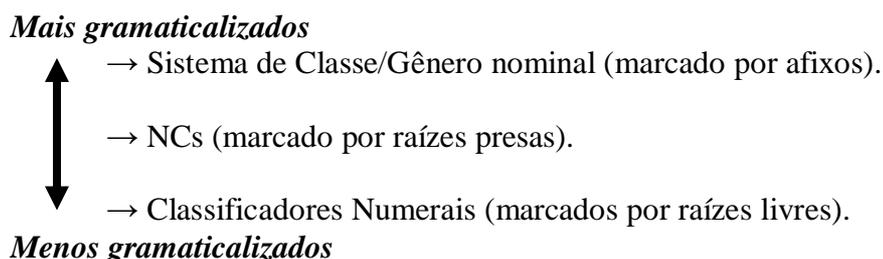
Em Facundes (2000, 2009), os vários tipos de classificadores foram descritos como diferentes pontos em um contínuo semântico de sistemas de classificação, do mais ao menos semanticamente motivado, como visto na Figura 2. O sistema de NC<sub>2</sub> de Apurinã, pelo menos em seu estágio inicial, parece ser mais próximo dos sistemas com maior motivação semântica.

**Figura 2:** Contínuo Semântico de Sistemas de Classificação.



Além desse contínuo semântico, o autor propôs também um contínuo de gramaticalização, em que a natureza de NC<sub>2</sub> poderia ser entendida em termos do grau de gramaticalização que eles apresentam, em comparação com outros sistemas de classificação nominal; ou seja, se NC<sub>2</sub> apresentariam características mais lexicais (semelhantes a nomes ou verbos), ou mais gramaticais (semelhantes a afixos). Seguindo esse raciocínio, poderíamos então afirmar que o *status* gramatical NC<sub>2</sub> inclui propriedades morfossintáticas mais similares a sistemas de classes nominais (ou gêneros) do que de sistema de classificadores, pois, em geral, NC<sub>2</sub> são formas fonologicamente presas, assim como afixos. Mesmo admitindo alguma variação dentro de cada sistema, já que, individualmente, alguns elementos classificatórios dentro de um mesmo sistema podem apresentar graus distintos de gramaticalização, é razoável propor que essa falta de autonomia prosódica situaria os NC<sub>2</sub> em uma posição intermediária em um contínuo em que, em uma extremidade, os classificadores numerais correspondem aos sistemas de classificação *menos gramaticalizados* e, no extremo oposto, os sistemas de classe/gênero correspondem aos *mais gramaticalizados*.

**Figura 3:** Contínuo Gramatical de Sistemas de Classificação.



Fonte: Versão revisada de Facundes (2000; 2009).

Para Facundes (2009), essa natureza tipológica de NC<sub>2</sub> é menos exótica do que fora sugerido na literatura linguística (PAYNE, 1987), e o que de fato ocorre é que tais elementos classificatórios em si não é que têm sido pouco estudado. Segundo ele, NC<sub>2</sub> apresenta algumas similaridades com os *termos de classe* de línguas do Sudeste Asiático. Expressão usada para designar o elemento nuclear de nomes compostos produtivos, Termos de Classe apresentam propriedades classificatórias semelhantes àquelas descritas aqui para a língua Apurinã. Segundo DeLancey (1986, p. 438, *tradução nossa*<sup>9</sup>), que credita a Mary Haas o uso inicial de Termos de Classe, “[e]stes são morfemas que ocorrem como núcleo de um número de nomes compostos, os quais são exemplares da categoria designada como termo de classe. (...) Assim, termos de classe apresentam uma função classificatória semântica bastante semelhante a dos classificadores, embora não mostrem normalmente a incoerente gama de usos, que é um traço não incomum dos classificadores”. Os seguintes dados são usados pelo autor para ilustra Termos de Classe:

- 10 a. *Nuu* ‘cobra’
- b. *ráan* ‘loja’
- c. *khon* ‘pessoa’
- d. *duan* ‘objeto redondo.’
- e. *lam* ‘objeto longo’

Facundes (2009) apresenta os compostos nominais em (11), que ilustram o uso de Termos de Classe em tailandês<sup>10</sup>:

- 11a. *nuu-lh̃am* ‘jibóia’  
TERM.CLASS-jiboia

<sup>9</sup> “[t]hese are morphemes which occur as the head of a number of noun compounds which are exemplars of the category labeled by the class term (...). Thus class terms have a semantic classifying function quite similar to that of classifiers, although they do not ordinarily show the incoherent range of uses which is a not uncommon feature of classifiers.”

<sup>10</sup> Nuttanart Facundes é a fonte citada pelo autor para esses dados.

b.	<i>ɲuu-hàw</i> TERM.CLASS-cobra	‘cobra’
12a.	<i>ráan-rǎŋtá:ũ</i> TERM.CLASS-sapato	‘loja de calçados’
b.	<i>ráan-nǎŋs:ũ</i> TERM.CLASS-livro	‘livraria’
c.	<i>duaŋ-tcan</i> TERM.CLASS-lua	‘lua’
d.	<i>duaŋ-a:thít</i> TERM.CLASS-sol	‘sol’
13a.	<i>lam-than</i> TERM.CLASS-rio	‘pequeno rio’
b.	<i>lam-khě</i> TERM.CLASS-braço	‘braço’

Foi exatamente em razão da existência de Termos de Classe em Tailandês que DeLancey (1986) já havia proposto a existência de um contínuo de nomes puros a classificadores puros, e que esse contínuo pode ser observado no comportamento sintático e semântico de certos nomes e classificadores. Portanto, a análise de NC<sub>2</sub> em Apurinã como parte de um contínuo de gramaticalização encontra respaldo no tratamento dado aos Termos de Classe.

### 3. NC<sub>2</sub>, sua natureza semântica e desenvolvimento histórico

Até aqui vimos que as características de NC<sub>2</sub> em Apurinã apresentam as seguintes características:

- (i) São nomes fonologicamente presos recorrentes em nomes compostos dando a estes um processo de formação relativamente produtivo;
- (ii) podem ser usados como elementos que retomam características de um referente previamente mencionado no discurso, de forma análoga a formas anafóricas;
- (iii) podem ser incorporados ao verbo, de modo similar a certos classificadores verbais;
- (iv) exercem papéis gramaticais importantes na morfologia, sintaxe e léxico da língua, bem como papéis discursivos e pragmáticos.

As características (i-iv) apontam para um contínuo dentro do qual a natureza dos nomes classificatórios pode ser compreendida, pois elas incluem propriedades comuns a diferentes sistemas de classificação nominal: (i), por um lado, é característica de marcas de gênero em relação a ser uma forma fonologicamente presa, mas, por outro lado,

assemelha-se a certos classificadores (numerais ou nominais) por ser (o CN<sub>2</sub>) uma subclasse de nomes; (ii) é análogo a marcas de concordância, uma característica definidora de gênero, mas também a classificadores incorporados ao verbo em relação a poder retomar características de um referente previamente mencionado no discurso; (iii) é autoexplicativo; e (iv) inclui a função de derivar novos lexemas (como em *uky-tãta* [olho-casca] ‘óculos’), de forma análoga ao que acontece, em alguns casos, com o gênero em *bolo* vs. *bola*, *porto* vs. *porta*, *solo* vs. *sola* (*de sapato*) etc., em português, substituir/retomar um argumento previamente mencionado no discurso, algo imaginável a certos sistemas de classificadores, mas não de gênero.

Vimos também que (i-iv) são características apenas de NC<sub>2</sub>, isto é, dos nomes classificatórios usados produtivamente na língua, e que a distinção entre NC<sub>1</sub> e NC<sub>2</sub> resulta, ao menos inicialmente, da possibilidade de estender o significado de alguns nomes na língua, ampliando assim o leque de uso destes. Portanto, através dessas variações semânticas no léxico envolvendo esse nomes, identificamos parte dos mecanismos pelos quais o significado lexical “emerge”, como resultado do uso linguístico e da variação linguística. NC<sub>2</sub> apresentam duas fontes atestadas até o momento, partes de plantas/elementos da natureza e partes do corpo. A extensão metafórica envolve traços da anatomia, dimensão, textura ou consistência de um referente sendo mapeadas à anatomia, dimensão, textura ou consistência de um outro referente. Mais especificamente, NC<sub>2</sub> podem denotar propriedades semânticas de nomes que recaem em duas ou três das seguintes categorias semânticas: (i) partes de plantas/elementos da natureza (como significado fonte); (ii) partes do corpo (como significado derivado e, talvez, também como significado fonte); (iii) elementos manufaturados (como significado derivado).

Esses casos de variações semânticas envolvendo os NC<sub>2</sub>, reforçado pelo uso ao longo do tempo, levam naturalmente a mudanças semânticas e ao desenvolvimento semântico de NC<sub>2</sub> como um subgrupo dos nomes obrigatoriamente possuídos da língua, distinguindo dos NC<sub>1</sub>. Isso se dá quando partes de plantas têm seu significado ampliado para se referir a partes do corpo, a elementos manufaturados. Assim, o uso de *-myna* em *ãã-myna* ‘árvore’ é diferente de seu uso em *kiri-myna* ‘nariz de animal’; e o uso de *-myna* em *aiku-myna* ‘viga da casa’ é diferente dos usos anteriores. No primeiro caso, *-myna* se refere a propriedades de uma planta; no segundo, *-myna* se refere a

propriedades de uma parte do corpo; e no terceiro caso *-myna* faz referência a um elemento manufaturado. Com base nessas observações, Facundes (2009) pergunta se (i) *-myna*, nos três exemplos, carrega as mesmas propriedades de significado; (ii) se sim, então, quais seriam essas propriedades do significado de *-myna*?; (iii) será que os diferentes usos de *-myna* são um caso de *polissemia* ou de *homonímia*? Em seguida, ele cita Sweetser (1990, p.9, *tradução nossa*<sup>11</sup>):

[n]enhuma mudança histórica de significado pode ocorrer sem um estágio intermediário de polissemia. Se uma palavra já significou A e agora significa B, podemos estar certos de que os falantes não simplesmente acordaram e mudaram significados em 14 de junho de 1066. Em vez disso, houve um estágio em que a palavra significava ambos, A e B, e o significado anterior de A, eventualmente, foi perdido.

Ou seja, *-myna* pode ser concebido como um exemplo de polissemia, já que ainda que perca parte da sua substância semântica, alguns traços semânticos do significado fonte permanecem quando ele deixa de denotar parte de parte para denotar um outro significado. Dito isso, cabe identificar quais traços são mantidos em *myna*, após a extensão.

Com base nos conceitos e método de Lakoff e Johnson (1986), a análise proposta é que partes de plantas/elementos da natureza e partes do corpo, como um conjunto de propriedades semânticas, constituem um *domínio fonte*, enquanto que elementos manufaturados e partes do corpo constituem um *domínio alvo*. A fim de compreender, expressar ou conceituar elementos dentro do domínio alvo, características físicas protuberantes do domínio fonte são usadas e projetadas para a construção do significado do domínio alvo. O significado de NC<sub>2</sub> emerge então do mapeamento entre *modelos imagético-esquemáticos* contendo “imagens esquemáticas específicas, tais como trajetórias ou formas longas ou finas ou recipientes” (LAKOFF, 1986, p. 113-114, *tradução nossa*<sup>12</sup>). Três de tais modelos imagético-esquemáticos são identificados: (i) um para partes de plantas/ elementos da natureza; (ii) outro para partes do corpo e; (iii) um para elementos manufaturados. Esses mapeamentos podem ser caracterizados como mapeamentos metafóricos dentro de um *modelo metafórico (idem)*, em que elementos

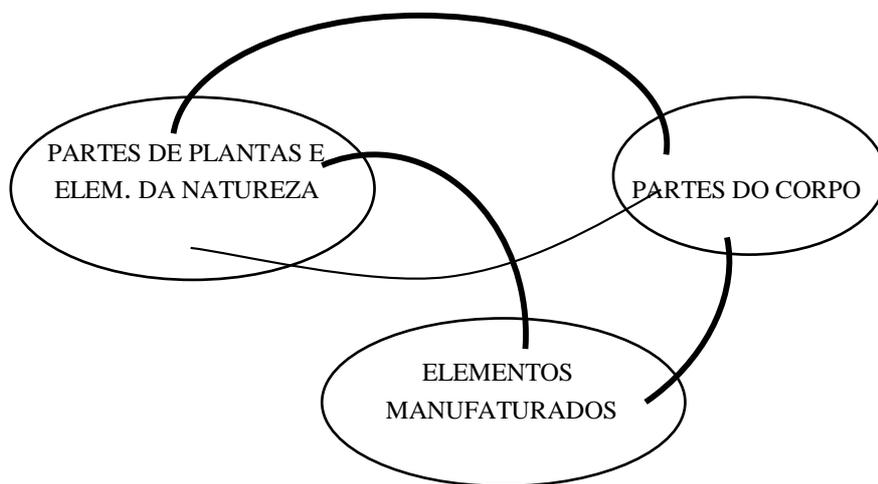
---

<sup>11</sup> “[n]o historical change of meaning can take place without an intervening stage of polysemy. If a word once meant A and now means B, we can be fairly certain that speakers did not just wake up and switch meanings on June 14, 1066. Rather, there was a stage when the word meant both A and B, and the earlier meaning of A eventually was lost”

<sup>12</sup> “specific schematic images, such as trajectories or long, thin shapes or containers.”

de um modelo de imagem esquemática se projeta sobre um outro: (i) se projeta em (ii) e em (iii), e (ii) se projeta em (i) e (iii), como mostra o diagrama abaixo (As linhas mais espessas indicam um grau maior de produtividade):

**Figura 4:** Mapeamento entre domínios alvo e fonte.



Fonte: Facundes (2009).

Em termos da abordagem de Lakoff e Johnson (1986), esses mapeamentos conceituais podem ser compreendidos como motivados por um quadro metafórico conceitual global, em que as propriedades físicas percebidas como mais proeminentes de certas partes do corpo e de certos elementos manufaturados seriam tratadas como equivalentes a certas propriedades físicas das partes também percebidas como mais proeminentes de árvores ou de elementos da natureza.

Supondo que o mapeamento metafórico conceitual em Apurinã é construído em um dado contexto sócio-cultural, é pertinente se perguntar sobre quais aspectos da sociedade Apurinã poderiam estar relacionados a esse mapeamento metafórico conceitual. De fato, a história oral Apurinã está recheada de relatos tradicionais em que plantas e animais são frequentemente tratados como seres híbridos ou como estando envolvidos em processos de metamorfose, passando de humano a não humano, inanimado a humano e vice-versa. Sendo assim, o universo cosmológico Apurinã poderia sim fundamentar um modelo metafórico genérico incorporado ao modelo cultural idealizado em Apurinã (ou um Modelo Cognitivo Idealizado, (LAKOFF, 1987)), motivando o uso de certos domínios semânticos em conexão com outros domínios semânticos; neste caso, o domínio semântico de partes de plantas/ elementos

da natureza em conexão com aquele para partes do corpo, ou de partes de plantas/ elementos da natureza em conexão com elementos manufaturados (Figura 4). As características semânticas dos NC<sub>2</sub> dão a eles o *status* de uma categoria natural (LAKOFF, 1987) em que similaridades perceptualmente identificáveis são projetadas para os nomes compostos derivados; tais similaridades seriam relativas à *forma* e *consistência*. Forma física e consistência formam o conjunto geral de traços semânticos que fornecem um modelo *imagético-esquemático anatômico* que, uma vez disponível aos falantes, pode ser extensivamente usado com NC<sub>2</sub>, com funções que vão além daquelas de um simples núcleo de um nome composto, um vez que NC<sub>2</sub> podem ser usados como elementos modificadores com função atributiva em nomes ou verbos incorporados. Sendo esse o caso, é preciso determinar quais das diferentes “propriedades físicas de plantas/ elementos da natureza” estão associadas às “propriedades físicas de partes do corpo/ elementos manufaturados”, e assim por diante.

Um exame minucioso da semântica dos NC<sub>2</sub> revela que há um número limitado e bastante familiar de propriedades semânticas específicas projetadas do domínio fonte ao domínio alvo. Familiar porque são propriedades comumente associadas a certos nomes classificadores em outras línguas. Por exemplo, o NC<sub>2</sub> *-myna* é usado com nomes de partes de plantas denotar árvores com troncos grossos. Em geral, tais troncos grossos, largos apresentam como propriedades perceptíveis salientes o fato de serem ‘grossos’, ‘rígidos’ e ‘cilíndricos’. Então, ‘grosso’, ‘rígido’ e ‘cilíndrico’ podem ser naturalmente interpretados como as propriedades mais protuberantes do domínio fonte do NC<sub>2</sub> *-myna*. Tendo estabelecido as propriedades salientes do domínio fonte de *-myna*, podemos examinar quais de tais propriedades permanecem ou são perdidas quando *-myna* é usado para denotar partes do corpo ou elementos manufaturados. Como mostra o Quadro 3, a propriedade ‘rígido’ é perdida quando usada para se referir a partes do corpo, e é mantida quando usada para se referir a elementos manufaturados. Então, as propriedades recorrentes de *-myna* que se repetem ao longo das categorias são ‘grosso’ e ‘cilíndrico’.

O Quadro 3 resume a descrição semântica de cada nome classificatório, a fim de ilustrar as propriedades recorrentes que podem ser observadas quando NC<sub>2</sub> se referem a forma ou consistência de partes de plantas/elementos da natureza, partes do corpo e elementos manufaturados. Assim, no Quadro 3 verificamos as propriedades originais

mais importantes para cada nome classificatório, bem como se essas propriedades são preservadas ou perdidas quando os NC<sub>2</sub> são usados com qualquer uma das categorias nominais relevantes. Como resultado, chegamos às propriedades (presumidamente) “centrais”, ou seja, significados que podem se repetir ao longo das categorias, conforme o Quadro 4, e nas Figuras 5-6, vemos como tais propriedades podem ser concebidas como os traços específicos mapeados do domínio fonte para os domínios alvo, os quais são representados nas Figuras 5-6.

Partes de plantas / Elementos da natureza			Partes do corpo			Elementos manufaturados		
Apurinã	Glosa	Signific. do NC <sub>2</sub>	Apurinã	Glosa	Signific. do NC <sub>2</sub>	Apurinã	Glosa	Signific. do NC <sub>2</sub>
<i>ãã-myna</i>	árvore	grosso, rígido, cilíndrico	<i>pitxi-myna</i>	um pênis grande	grosso, cilíndrico	<i>lãtehna-myna</i>	tubo de lanterna	grosso, rígido, cilíndrico
<i>ãã-pytsa</i>	raiz semelhante a cipó	fino, flexível, retorcido	<i>tika-pytsa</i>	tripas	fino, flexível, retorcido			
<i>kimi-ky</i>	semente/grão de milho	esférico, pequeno	<i>tyny-ky</i>	mamilo	pequeno	<i>xamyna-ky</i>	balas pequenas	esférico, pequeno
<i>xamy-panhi</i>	cinza	pó				<i>xamyna-ky-panhi</i>	pólvora	pó
<i>anana-pêẽ</i>	suco de abacaxi	líquido, não transpa-rente	<i>tyny-pêẽ</i>	leite materno	líquido, não transparente	<i>tata-pêẽ</i>	suco de umari	líquido, não transparente
<i>ãã-riku</i>	buraco de árvore	cavidade interna				<i>xamyna-riku</i>	buraco de arma	cavidade interna
<i>ãã-myna-tãta</i>	casca de árvore	camada exterior, grudado	<i>ximaky-tãta</i>	escama de peixe	camada exterior, grudado	<i>uky-tãta</i>	óculos	camada exterior
<i>ãã-tsa</i>	corda cipó	flexível, longo, fino				<i>mapuwa-tsa</i>	fio de algodão	flexível, longo, fino

<i>ãã-tsupa</i>	tipo de folha grande	amplo, fino, plano, flexível, verde, suave				<i>ãã-tsupa</i>	papel	amplo, fino, plano, flexível, suave
<i>tata-pe</i>	polpa de umari	pastoso	<i>ĩ-pe</i>	gordura	pastoso	<i>ĩ-pe</i>	graxa	pastoso
<i>ãã-ke</i>	estaca, vara	linear, fino, flexível	<i>kanu-ke</i>	braço	fino, flexível	<i>iumêti-ke</i>	arpão	linear, fino, flexível
<i>kamuwa-ã</i>	Rio Juriti	líquido, transparente	<i>utynty-ã</i>	leite materno	líquido	<i>txipari-ã</i>	suco de banana	líquido
			<i>hãkiti-mata</i>	pele de onça	camada externa, grudado, flexível	<i>kiti-mata</i>	sandá-lias	camada externa, flexível
			<i>tserĩ-ta</i>	queixo	borda arredondada	<i>pêtxi-ta</i>	pente	borda arredondada

Fonte: Facundes (2000, 2009).

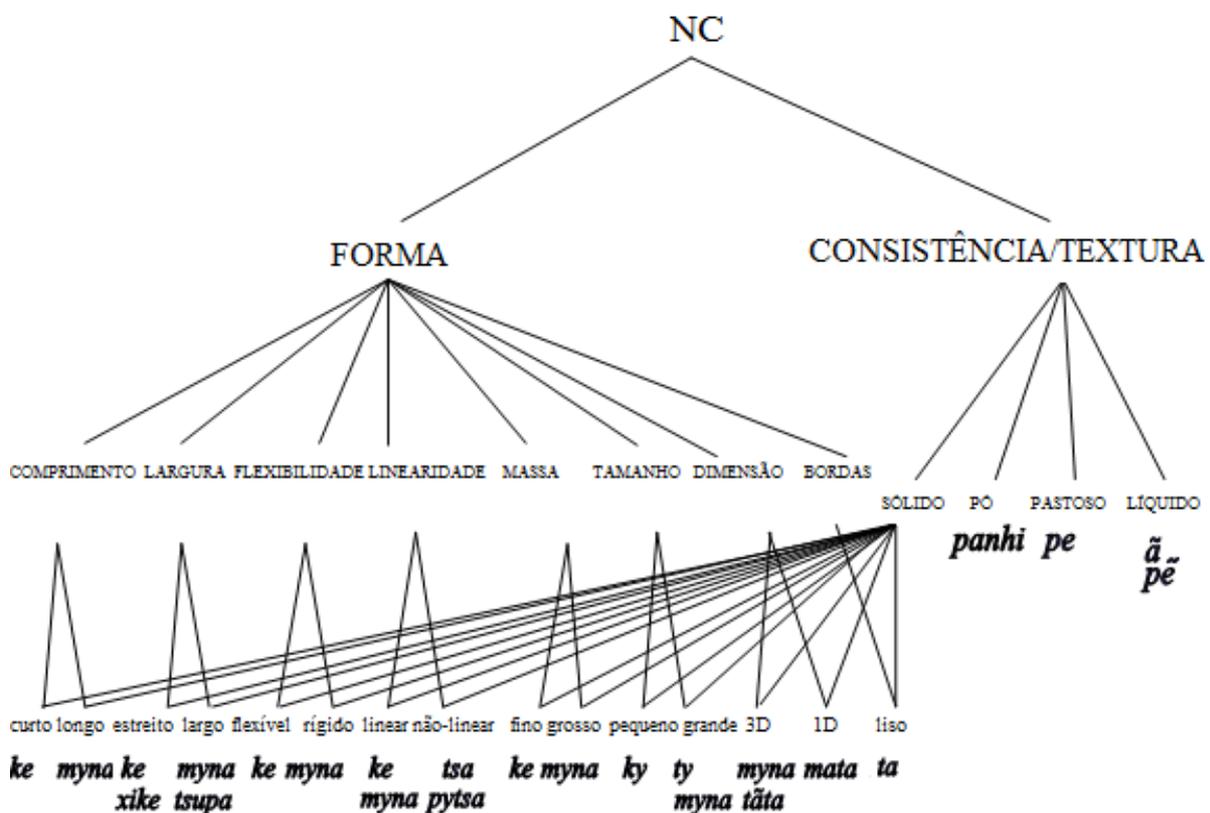
**Quadro 4:** Resumo dos significados recorrentes de NC<sub>2</sub>s.

FONTES SEMÂNTICAS DE NCs			PROPR. SALIENTES RECORRENTES		PROPRIEDADES
FORMAS	SIGNIFICADO	PROPRIEDADES SALIENTES	EM PARTES DO CORPO	EM MANUFATURAS	“CENTRAIS”
<i>myna</i>	tronco	grosso, rígido, cilíndrico	grosso, cilíndrico	grosso, rígido, cilíndrico	grosso, cilíndrico
<i>pytsa</i>	raiz	fino, flexível, retorcido	fino, flexível, retorcido		fino, flexível, retorcido
<i>ky</i>	cerne, semente	esférico, pequeno	pequeno	esférico, pequeno	pequeno
<i>panhi</i>	cinza	pó		pó	pó
<i>pěě</i>	suco	líquido, não transparente	líquido, não transparente	líquido, não transparente	líquido, não transparente
<i>riku</i>	buraco	cavidade interna		cavidade interna	cavidade interna
<i>tāta</i>	casca	camada exterior, colado	camada exterior, colado	camada exterior	camada exterior
<i>tsa</i>	cipó	flexível, longo, fino		flexível, longo, fino	flexível, longo, fino
<i>tsupa</i>	folha grande	amplo, fino, plano, flexível, verde, suave		amplo, fino, plano, flexível, suave	amplo, fino, plano, flexível, suave
<i>pe</i>	polpa	pastoso	pastoso	pastoso	pastoso
<i>ke</i>	vara	cilíndrico, fino, flexível	fino, flexível	cilíndrico, fino, flexível	fino, flexível
<i>ā</i>	água	líquido, transparente	líquido	líquido	líquido
<i>mata</i>	pele	camada exterior, colado, flexível		camada exterior, flexível	camada exterior, flexível
<i>ta</i>	?	borda arredondada		borda arredondada	borda arredondada

Fonte: Facundes (2009).

Portanto, com base em uma análise semântica inspirada em uma abordagem cognitivista, como Facundes (2009), concluímos que é possível sim motivar padrões gerais de categorização semântica de NC<sub>2</sub>s, descritos em termos de um número restrito das propriedades dos seus significados que forma dois domínios semânticos fonte, partes de plantas ou alguns outros elementos da natureza, e partes do corpo, e dois domínios alvo, novamente partes do corpo e elementos produzidos artificialmente pela espécie humana. Essas propriedades ou traços semânticos sugerem o seguinte sistema emergente e incipiente de classificação nominal baseada nas noções de forma e consistência (mais suas subclasses):

**Figura 5:** Propriedades semânticas recorrentes de NCs.



Fonte: Facundes (2000, 2009).

Uma última questão a tratar em relação aos NC<sub>2</sub> diz respeito ao seu desenvolvimento histórico. De fato, a análise apresentada acima, de certo modo, pode ser reinterpretada já como uma reconstrução interna do desenvolvimento histórico dos NC<sub>2</sub>, de modo que a variação semântica e as diferenças de usos gramaticais e pragmáticos desses elementos classificatórios constituem evidência de um processo em mudança sim, em que um estágio, um intermediário e outro mais avançado de gramaticalização podem ser identificados. Um subclasse de nomes inalienáveis em Apurinã evoluiu e continua a evoluir de nomes simples

lexicalmente marcados como obrigatoriamente possuídos, e constituídos de uma semântica de partes de plantas/elementos da natureza e partes do copor que lhes permitiu frequentemente ocorrer seguindo um nome possuidor, tornando-se, por fim, fonologicamente atrelado a esse nome possuído. Isto é:

$$[N_{\text{Possor}} \# RzN_{\text{INAL}}]_{\text{SN}} > [N + NC_1]_{\text{N}}$$

Alguns desses  $NC_1$  passam por um processo de extensão metafórica, em que a semântica de partes de plantas/elementos da natureza se estende a partes do corpo, e ambos a elementos manufaturados, já como parte das características definidoras dos  $NC_2$ . O significado semântico é apenas parcialmente preservado, dando ao composto nominal produtivo como um todo uma estrutura semântica (transparente) parcialmente “composicional”. Como os significados dos  $NC_2$ s admitem mais e mais “desbotamentos” semânticos (portanto, tornando-se também mais abstratos/genéricos), eles são usados com mais e mais itens lexicais para se referir às suas propriedades enquanto *formas* e *consistências*. O percurso de gramaticalização pode então ser representado da seguinte maneira:

$$[N_{\text{Possor}} \# RzN_{\text{INAL}}]_{\text{SN}} > [N + NC_1]_{\text{N}} > [N + NC_2]_{\text{N}}$$

Portanto, o sistema de nomes classificatórios em Apurinã se desenvolve a partir da composição produtiva de nomes que, quando possuídos não são morfologicamente marcados, e a noção de posse é marcada por justaposição.

## Considerações finais

Neste trabalho, retomamos os dados e a análise iniciada em Facundes (1994), aprimorada em Facundes (2000) e finalmente publicada em Facundes (2009), atualizamos a análise dos nomes inalienáveis proposta por Freitas (Em preparação); vimos que uma subclasse de nomes obrigatoriamente possuídos e que denotam partes de plantas/elementos da natureza e parte do corpo passam por um processo de desbotamento semântico, dando origem a um sistema emergente e incipiente de classificação nominal, os nomes classificatórios. Por serem fonologicamente presos, assemelham-se a afixos que marcam gênero em outras línguas; quando incorporados ao verbo e ao serem usados para retomar referentes previsamente mencionados no discurso, assemelham-se a alguns sistemas de classificadores nominais; e, finalmente, ao derivar novos lexemas e ser um importante dispositivo para

ampliar o léxico na língua, difere-se dos dois sistemas – exceto nos casos excepcionais em que marcas de gênero derivam novos lexemas, e assemelham-se mais aos Termos de Classes das línguas do Sudeste Asiático. É provável que ao invés desse sistema de nomes classificatórios ser exótico, ele é mais comum do que se imagina, ao menos em línguas da América do Sul, e que seja pouco conhecido exatamente por ter sido pouco estudado. Finalmente, esse fenômeno oferece uma janela para observar o papel da metáfora no léxico e em mudanças linguísticas. Vimos que as propriedades semânticas dos nomes classificatórios podem ser descritas em termos de mapeamentos de propriedades entre os domínios fonte e alvo – fazendo uso dos conceitos encontrados em Lakoff (1987), Lakoff e Johnson (1986), Sweetser (1990), Gibbs (1994), Talmy (2000), entre outros, em seus estudos sobre metáfora e mudança semântica. Em Apurinã, o domínio fonte consiste principalmente em partes de plantas ou elementos da natureza, ao lado de partes do corpo. Os domínios alvo consistem principalmente em elementos manufaturados e, em menor escala, partes do corpo.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, K. *Numeral Classifiers in Austroasiatic*. In: CRAIG, 1986.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. *Classifiers: a Typology of Noun Categorization Devices*. Oxford University Press, 2003.
- CORBETT, G. *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- CRAIG, Colette. (Ed.) *Noun Classes and Noun Categorization*. Amsterdam: John Benjamins, 1986.
- DELANCEY, Scott. *Toward a History of Tai Classifier Systems*. In: CRAIG, 1986.
- DIXON, R. W. M. *Noun Classes and Noun Classification in Typological Perspective*. In: CRAIG, 1986. *Categorization Noun Classification*. Philadelphia: Benjamins North America, 1986.
- DOWNING, P. *The Anaphoric Use of Classifiers in Japanese*. In: CRAIG, 1986.
- ERBAUGH, Mary S. *Taking Stock: the development of Chinese Noun Classifiers*. In: CRAIG, 1986.
- FACUNDES, Sidney da S. *Noun Categorization in Apurinã (Maipuran)*. Unpublished MA. Thesis (Doutorado) - University of Oregon, Eugene, Oregon, 1994.
- \_\_\_\_\_. *The Language of the Apurinã People of Brazil (Arawak)*. Unpublished (Dissertation) - SUNY-Buffalo, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Productive compounding and noun classification systems: a case study in Apurinã (Arawak)*. ReVEL. Special edition n. 3 2009.
- FREITAS, Marília Fernanda Pereira de. *A Categoria de Posse em Apurinã e suas Contribuições para os Estudos em Línguas Aruák* (título provisório). Universidade Federal do Pará, em preparação.
- GIBBS JUNIOR, Raymond W.. *The Poetics of Mind: figurative thought, language, and Understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- JOHNSON, M. *The Body in the Mind: the Bodily Basis of Meaning, imagination, and reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things: what Categories Reveal about the Mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

Marianne. The Evolution of Noun Incorporation. *Language* v. 60, p.847-93, 1984.

\_\_\_\_\_. The Convergence of Noun Classification Systems. In: CRAIG, 1986a.

\_\_\_\_\_. On the Nature of Noun Incorporation. *Language*, 62, p..32-37. 1986b.

PAYNE, Doris L. Noun Classification in Western Amazon. *Language Sciences*, v. 9, n.1, 1987.

SWEETSER, E. E. *From Etymotrunkly to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. (Cambridge Studies in Linguistics; 54).

TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics. Concept Structuring Systems: Typology and Process in Concept Structuring*. Cambridge: MIT Press, 2000. v. 2